



NUNO CAMARINHO  
Universidade  
de Aveiro  
nfcam@ua.pt

## MAS, PORQUÊ?

O público exige dos cientistas que sejam oráculos ou milagreiros, coisas que não são nem querem ser. A ciência precisa de errar e de aprender com os erros, estará a sociedade disposta a esperar?

A pergunta costuma surgir por volta dos 3 ou 4 anos, na chamada “idade dos porquês”, em algumas crianças acaba por se atenuar com o crescimento, noutras acompanha-as a vida inteira.

Queremos conhecer as causas e os processos de tudo o que nos rodeia: Por que razão algo acontece, como acontece, quando e sob que formas. Afinal é esse conjunto de perguntas (e mais algumas) que está na base da ciência, dos pré-socráticos aos contemporâneos. Porque são as coisas como são?

É natural que em tempos de pandemia a curiosidade se aguce, impelida pelo susto e pelo espanto, como sempre acontece quando a ciência humana se vê diminuída ou impotente. Ora, tão humano como o instinto da pergunta é também o da resposta e temos assistido a esforços variados e imaginativos que tentam explicar o que nos escapa.

Os que primeiro se aventuraram (hoje como sempre) estearam-se em argumentos de natureza religiosa: O vírus é uma forma de castigo ou de prova, uma praga à semelhança de outras mais antigas, uma forma de separar os justos dos bons, um juízo final com febres, insuficiência respiratória e tosse.

Logo vieram as explicações filosóficas com alguns enxertos de ecologia: A Natureza responde às nossas agressões agredindo-nos, a Covid é uma punição pelos nossos excessos, uma palmada na mão de uma espécie que sucumbiu à sua húbri.

Depois as mais profícuas e quase tão contagiosas como

o próprio vírus: A estratégia chinesa para dominar o mundo, um modo de as farmacêuticas multiplicarem os lucros, a guerra biológica, o 5G, a QAnon... Teorias da conspiração para todos os gostos e bizarras.

A ciência, mais preocupada com os processos do que com as pretensas causas morais, avança com hipóteses de mutações e estuda as diferentes estirpes de vírus, explora os mecanismos de transmissão, de animais para humanos e de *homo sapiens* para *homo sapiens*, propõe formas de a mitigar e às vezes acerta e outras falha. A ciência não explica, vai explicando, de forma gradual e cumulativa, a seu tempo (por mais que se tente acelerar), não mistifica nem oferece simplificações excessivas, a ciência é um pouco como a justiça: pode chegar tarde, mas há de chegar.

Temos, finalmente, o contributo das artes e da literatura. Daqui não se esperem explicações sobre processos ou causas, afinal, são outros os “porquês”: Que nos vai ensinar esta pandemia? O que aprendemos e o que sentimos durante o confinamento? Em que medida somos ou não os mesmos humanos que enfrentaram a peste negra do *Decameron* de Boccaccio ou a peste bubónica do *Diário do Ano da Peste* de Daniel Defoe?

Nenhuma outra espécie leva tão a peito os agravos da Natureza, é um efeito secundário da inteligência e da consciência que desenvolvemos, mas não nos fica mal assumirmos o ridículo. Afinal, é possível que a tal Natureza não queira castigar-nos, mas também é provável que não queira saber de nós.